

# A

LLEGRO  
ma non troppo

seguido de as LEIS  
fundamentais  
da estupidez  
Humana





CARLO M. CIPOLLA

# A

# LLEGRO

ma non troppo



seguido de  
as LEIS  
fundamentais  
da estupidez  
Humana

Título Original: *Allegro ma non troppo, con le leggi fondamentali della stupidità umana*

Autor: Carlo M. Cippola

Tradução: Joaquim Soares da Costa

Revisão: Hélder Viçoso

Grafismo: Cristina Leal

Paginação: Vitor Pedro

© 1988 by Società editrice Il Mulino, Bologna

Todos os direitos reservados desta edição para língua portuguesa

Edições Texto & Grafia, Lda.

Avenida Óscar Monteiro Torres, n.º 55, 2.º Esq.

1000-217 Lisboa

Telefone: 21 797 70 66

Fax: 21 797 81 30

E-mail: [texto-grafia@texto-grafia.pt](mailto:texto-grafia@texto-grafia.pt)

[www.texto-grafia.pt](http://www.texto-grafia.pt)

Impressão e acabamento:

Papelmunde, SMG, Lda.

1.ª edição,

Lisboa, Agosto de 2008

ISBN: 978-989-95689-7-6

Depósito Legal n.º 280431/08

Esta obra está protegida pela lei. Não pode ser reproduzida no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado, sem a autorização do Editor.

Qualquer transgressão à lei do Direito de Autor será passível de procedimento judicial.

É em torno da ideia de conhecimento articulado com as necessidades de aquisição de uma cultura geral consistente que se projecta a colecção “Biblioteca Universal”.

Tendo como base de trabalho uma selecção criteriosa de autores e temas – dos quais se destacarão as áreas das ciências sociais e humanas –, pretende-se que a colecção esteja aberta a todos os ramos de saber, sejam de natureza filosófica, técnica, científica ou artística.



**A** vida é uma coisa séria, frequentemente trágica, por vezes cómica. Os Gregos da Antiguidade Clássica reflectiam com profundidade, e cultivavam o sentido trágico da existência. Os Romanos, geralmente mais práticos, não faziam dela uma tragédia, mas consideravam-na como coisa séria: por conseguinte, entre as qualidades humanas apreciavam de modo particular a *gravitas* e tinham em pouca conta a *levitas*.

O que é o trágico, não é nem difícil de compreender nem de definir e, se passar pela cabeça de um fulano qualquer apresentar-se como uma figura trágica, facilmente o conseguirá, se, entretanto, a Mãe Natureza não se tiver encarregado de lhe facilitar a tarefa. A seriedade é, também, uma qualidade relativamente fácil de compreender, definir e, até certo ponto, praticar. Aquilo que é mais difícil de definir, e não está ao alcance de todos compreender e apreciar, é o cómico. E o humorismo, que consiste na capacidade de perceber, apreciar e exprimir o cómico, é um predicado bastante raro entre os seres humanos.

Entendamo-nos: o humorismo grosseiro, leviano, vulgar, pré-fabricado (= a graça), de acesso fácil para muitos, não é o verdadeiro humorismo, mas antes um disfarce dele. O termo *humorismo* deriva de *humor* e refere-se a

uma subtil e feliz disposição mental que habitualmente assenta numa base de equilíbrio psicológico e bem-estar fisiológico. Legiões de escritores, filósofos, epistemólogos, linguistas têm reiteradamente procurado definir e explicar o humorismo. Mas é difícil – para não dizer impossível – dar uma definição de humorismo. E isto é tão verdadeiro que, quando uma graça humorística não é percebida como tal pelo interlocutor, é praticamente inútil, e até contra-producente, tentar explicá-la.

O humorismo é claramente a capacidade inteligente e subtil de realçar e representar o aspecto cómico da realidade. Mas é também muito mais do que isso. Sobretudo, como escreveram Devoto e Oli <sup>1</sup>, o humorismo não deve implicar uma atitude hostil, mas antes uma profunda e sempre indulgente simpatia humana. Para além disso, o humorismo pressupõe a percepção instintiva do momento e do lugar em que se pode exprimir. Fazer humor acerca da precariedade da vida humana junto do leito de um moribundo não é humorismo. Por outro lado, quando certo aristocrata francês, ao subir a escada que o levava à guilhotina tropeçou num degrau, e exclamou, virando-se para os guardas, “Dizem que tropeçar dá azar”, certamente merecia que lhe tivessem poupado a cabeça.

O humorismo está assim tão intimamente ligado à escolha cuidadosa e específica da expressão verbal na qual é produzido que dificilmente se consegue traduzi-lo de uma língua para outra; o que também significa que está tão

---

<sup>1</sup> Giacomo Devoto e Gian Carlo Oli, filólogos e linguistas italianos, autores de dicionários e vocabulários de grande prestígio [N. T.].

impregnado dos caracteres da cultura na qual foi criado que frequentemente resulta incompreensível quando é transposto para um ambiente cultural diferente.

O humorismo é diferente da ironia. Quando alguém faz ironia ri dos outros. Quando faz humorismo ri com os outros. A ironia gera tensões e conflitos. O humorismo, quando usado na justa medida e no momento apropriado (e, se o não for, não é humorismo), é a solução por excelência para reduzir tensões, ultrapassar situações penosas, facilitar as relações e a convivência humana.

Por isso, tenho a convicção profunda de que, em qualquer circunstância em que se apresente a oportunidade de praticar o humorismo, é um dever social não deixar que a ocasião se perca. E foi desta banal reflexão que nasceram os dois ensaios que se seguem. Começaram por ser publicados há anos (respectivamente em 1973 e 1976) em língua inglesa e edição limitada, exclusivamente reservada a amigos; tiveram, contudo, um inesperado sucesso, e enquanto algumas pessoas procuraram encontrar exemplares por meio de amigos e conhecidos, outras mais empreendedoras fizeram fotocópias ou simplesmente manuscritos que circularam de forma mais ou menos clandestina. O fenómeno assumiu proporções tais que a editora Il Mulino e o próprio signatário decidiram realizar uma nova edição oficial e pública que aqui se apresenta, recheada de substanciais revisões relativamente à primeira edição semiclandestina.

Na circunstância desta edição oficial, sinto o dever de prestar dois esclarecimentos. No ensaio acerca da pimenta,

o leitor facilmente se aperceberá de um ou outro remoque irónico. Mas espero que admita que se trata de ironia benevolente e pacata, que não me afasta muito – é, pelo menos, o meu desejo – do humorismo.

Quanto ao ensaio sobre a estupidez humana, é, nem mais nem menos, aquilo que os eruditos oitocentistas designaram por “uma espirituosa invenção”. De facto, o ensaio não tem qualquer relação com a minha vida pessoal. E pecaria de ingratidão grave contra os fados que até agora presidiram ao curso da minha vida se não confessasse ter sido, nas minhas relações humanas, um ser extraordinariamente afortunado, no sentido em que a esmagadora maioria das pessoas com as quais mantive contactos foram, de um modo geral, generosas, boas e inteligentes. Espero que, ao lerem estas páginas, não se convençam de que o estúpido sou eu.

**O papel das especiarias  
(e da pimenta, em particular)  
no desenvolvimento económico  
da Idade Média**



1

Uma das mais graves tragédias vividas desde sempre pela Europa foi a queda do Império Romano. Naqueles tempos, como frequentemente sucede em vicissitudes humanas, muito boa gente não se apercebeu da gravidade disso. Uma boa parte dos habitantes de Cartagena encontrava-se a desfrutar os jogos no anfiteatro quando a cidade foi atacada pelos Vândalos, e os nobres de Colónia estavam reunidos em banquetes quando os bárbaros chegaram às portas da cidade. Outros houve, pelo contrário, que se aperceberam da gravidade dos acontecimentos: quando Alarico saqueou Roma no Verão de 410 d.C., São Jerónimo – que vivia na altura em Belém e ainda não era santo – escreveu “Apagou-se a luz mais viva do Mundo” e, com profunda angústia e as pernas a tremer, teve ainda forças para acrescentar: “Se Roma pode perecer, que mais nos resta?”

Com poucas excepções<sup>2</sup>, os historiadores modernos concordam quanto ao alcance histórico da desagregação

---

<sup>2</sup> Entre as excepções contam-se os autores cristãos que viram no fim do Império Romano uma oportuna intervenção divina para salvar do paganismo a Humanidade. Mais perto de nós, um historiador de economia inglês, evidentemente sensibilizado pelo gravoso sistema de impostos em vigor na Inglaterra, interpretou a queda de Roma como

do Império Romano, mas já estão menos de acordo acerca das causas do seu declínio.

Uns acusam os Cristãos, outros a degeneração dos pagãos, alguns ainda o nascimento e a consolidação do estado burocrático-assistencial, o declínio da agricultura e o estabelecimento do latifúndio, a queda da natalidade, a ascensão das classes rurais. Um sociólogo americano voltou a pôr o problema na ordem do dia, avançando a tese brilhante e original de que Roma caiu por causa do envenenamento progressivo da classe aristocrática romana pelo chumbo.

O chumbo, quando ingerido ou absorvido em doses superiores a um miligrama por dia, pode provocar prisão de ventre dolorosa, perda de apetite, paralisia das extremidades e, por fim, causar a morte. Além disso, pode ser responsável pela esterilidade entre os homens e por abortos entre as mulheres. Sempre em conformidade com o ilustre sociólogo, os Romanos, e em particular os aristocratas, ingeriam quantidades de chumbo acima dos limites do limiar crítico. Não só Plínio, *o Velho*, recomendava que fossem usados “recipientes de chumbo e não de bronze” na confecção dos alimentos, como também o chumbo era utilizado na fabricação das tubagens hidráulicas, dos jarros, cosméticos, medicamentos e corantes. Acrescenta-se que os Romanos, para melhor conservarem e adoçarem o vinho, juntavam-lhe sumo de uva não fermentado que, por sua vez, fora fervido e decantado em recipientes

---

um acontecimento providencial que “libertou milhões de europeus do pagamento de tributos insustentáveis”.

revestidos de chumbo no seu interior. Ao procederem assim, e enquanto se entretinham a esterilizar o vinho, os Romanos “não se davam conta de que se esterilizavam a si próprios”.

“A alta taxa de mortalidade e a baixa taxa de natalidade” da aristocracia romana são indícios fortes, segundo o sociólogo americano, de fenómenos de envenenamento por chumbo, razão pela qual, no arco de algumas gerações, esta “aristotanasia” levou ao desaparecimento das figuras mais notáveis do pensamento e da cultura. Uma cidade em que o envenenamento pelo chumbo deve ter sido particularmente intenso e generalizado foi Ravena, sede do poder do Império do Oriente em Itália. Nada ali funcionava normalmente. De acordo com Sidónio Apolinário, em Ravena “as paredes desabam, as águas estagnam, as torres desmoronam-se, os barcos cobrem-se de areia, os ladrões velam e os guardas dormem”.

Envenenados pelo chumbo e, por isso, com problemas intestinais, estéreis e afectados por “aristotanasia”, os Romanos já não eram capazes de manter os bárbaros em respeito. E a derrocada consequente foi profunda e geral. Em finais do século IV, Ambrósio, bispo de Milão, só via à sua volta “semirutarum urbium cadavera” (“cadáveres nas cidades em ruínas”). Comodiano, horrorizado, escrevia que “vastantur patriæ, prosternitur civitas omnis” (“as pátrias são assoladas, o Estado é subvertido”). Um poeta anónimo lamentava-se de que “omnia in finem precipitata ruunt” (“tudo desaba em vertigem para o fim”). Rufino confessava amargamente: “Como se pode ter ânimo para

escrever? Estamos rodeados de armas inimigas e, à nossa volta, só se vêem cidades e campos devastados”.

EDIÇÕES  
texto & Grafia